

# VIH/SIDA: 40 Marcos, 40 Testemunhos

Numa altura em que se assinalam os 40 anos desde a notificação do primeiro caso de infeção por VIH em Portugal, a Revista Dependências associou-se à campanha da DGS “Obrigado. Seguimos juntos” e tem vindo a publicar depoimentos de rostos que se associaram a uma ação que elege como objetivo reforçar a mensagem que a infeção não faz escolhas...

## JOÃO CAÇADOR, MÚSICO DA BANDA FADO BICHA



“Faço parte da banda Fado Bicha e, enquanto músicos, agradecemos e inspiramo-nos no trabalho de muitos ativistas que, ao longo dos últimos 40 anos, mas, sobretudo dos anos 80 e 90, lutaram por um tratamento digno para as pessoas com VIH/SIDA, por mais investimento na investigação e por uma mudança política e social, que deixasse de votar as pessoas infetadas à proscricção e ao abandono. A epidemia do VIH/SIDA e a desproteção que gerou em tantas gerações de homens gays, mulheres trans, pessoas queer, é uma marca indelével na nossa experiência de vida e até da formação da nossa personalidade, enquanto pessoas nascidas no final do século XX. Os 40 anos do VIH/SIDA em Portugal incluem as nossas vidas por inteiro e moldaram-nas profundamente. Acreditamos menos no nosso potencial de existência humana por causa do vírus, por causa da doença, mas, sobretudo, por causa do estigma e da violência com que foram enquadrados. Hoje, felizmente, existe e temos acesso a uma Profilaxia que impede a infeção e é mais do que um medicamento: é uma conquista política e histórica. Por isso, aproveitem-na!”



## JOÃO GOULÃO, PRESIDENTE DO INSTITUTO PARA OS COMPORTAMENTOS ADITIVOS E AS DEPENDÊNCIAS



“Uma das populações mais atingidas pelas infeções VIH, entre os anos 80 e 90, foi, sem dúvida, a dos utilizadores de drogas. Permanecem no nosso imaginário coletivo as imagens do antigo Casal Ventoso. Um uso que não tinha regras, nem assistência, onde as seringas eram partilhadas, assim como todos os objetos necessários ao consumo. Isso, claro, levou à explosão de infeções por VIH, que, no ano de 99, somaram um total de 1800 novos diagnósticos. Felizmente, com a difusão do Programa Troca de Seringas e com a implementação do modelo português, baseado numa abordagem global e integrada da toxicodependência, incluindo a disponibilidade de programas de substituição opiácea, assistimos a um decréscimo dos casos de VIH diagnosticados entre os utilizadores de drogas injetáveis. Em 2022, foram diagnosticados apenas 20 novos casos de infeção por VIH entre os utilizadores de drogas injetáveis. Tenho tido a sorte de presenciar este, como outros avanços, na qualidade de vida de todos os portugueses. Ao assinalarmos os 40 anos do primeiro diagnóstico de infeção VIH em Portugal, cumpre-me honrar o exemplo do passado e desejar que o futuro traga mais literacia em saúde, mais meios técnicos e humanos, para que, juntos, continuemos a construir uma sociedade mais saudável.”

## MARTA MAIA, VICE-PRESIDENTE DO GRUPO DE ATIVISTAS EM TRATAMENTOS



“Fiz investigação em Antropologia sobre questões relacionadas com o VIH e, atualmente, sou Vice-Presidente do GAT. Quando olho

para a história da epidemia por VIH, o que mais me impressiona e me marca são os movimentos associativos que se criaram no início da epidemia, que foram absolutamente revolucionários, porque mudaram todas as dinâmicas associativas para lá do VIH. E pode dizer-se que o ativismo em saúde começou com estas pessoas, começou com a epidemia de VIH. Este ativismo permite às pessoas terem uma voz ativa, serem vistas, serem reconhecidas e permite também ser visto e considerado. Este movimento associativo começou nos anos 80, tem de continuar e é isso que o GAT faz.”

## PERPÉTUA GOMES, RESPONSÁVEL PELO LABORATÓRIO DE BIOLOGIA MOLECULAR DA ULS LISBOA OCIDENTAL/ PROF.ª DO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO EGAS MONIZ



“Passaram 40 anos da infeção VIH em Portugal. A minha área de intervenção é a área laboratorial do diagnóstico e da monitorização terapêutica. No início, nós conseguimos testes, muito rapidamente, que permitiram identificar as pessoas que se infetavam. Meados dos anos 90, conseguimos testes que nos permitiram saber que quantidade de vírus é que cada indivíduo tinha em circulação. Isto foi importantíssimo para sabermos se a terapêutica estava a ser, ou não, eficaz. Também foi muito importante para percebermos que as pessoas que não tinham vírus em circulação não transmitiam a infeção. Um pouco mais tarde, no início dos anos 2000, conseguimos testes moleculares muito complexos, mas que nos permitem perceber por que é que terapêuticas não funcionam em determinados indivíduos, ou seja, porque há resistência. Isto, se pensarmos bem, é absolutamente fantástico. Mesmo assim, com todas estas evoluções, com todas estas coisas fantásticas, continuamos a ter pessoas que se infetam de novo por VIH. Como é possível? Temos de travar esta infeção!”



## EDUARDO QUINTA NOVA, VEREADOR DA CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA



“Quero, a partir de Sintra, associar-me às comemorações dos 40 anos de combate contra o VIH, em Portugal e no mundo. Muito foi feito ao longo dos últimos 40 anos neste domínio, nomeadamente no campo da prevenção, do diagnóstico e do tratamento. Avançámos muito no campo das terapêuticas, na área da formação, da capacitação, da sensibilização e do apoio às vítimas. Mas muito ainda está por fazer. O VIH continua, em Portugal, a ser um grave problema de saúde pública. Todos os anos continuam a surgir novos casos de infeção com impacto devastador nas vítimas e nas suas famílias, e com custos muito significativos para o sistema de saúde. E, por isso, não podemos baixar os braços. Pelo contrário, temos de intensificar todos os esforços para debelar e erradicar um vírus que mata, um vírus que incapacita e que promove a discriminação social. E os municípios não podem ficar arredados deste desafio. Os municípios podem e devem contribuir para, com estratégias duradouras e eficazes, combater o VIH nos seus territórios. Por isso, Sintra aderiu às cidades na via rápida para a eliminação do VIH. Com esta iniciativa, o município passou a estar dotado de uma estratégia coordenada, participada, integrada e global no combate a este vírus que tanta desgraça traz. O combate ao VIH deve ser visto como um desafio global e, por isso, desejamos muito que outras cidades de Portugal e outras cidades do mundo venham rapidamente aderir a esta iniciativa. É o que nós já nos encontramos a fazer em Sintra. Sintra, um lugar que é nosso. Sintra, um lugar que é de todos.”

## DÁRIO SILVA, VEREADOR DA CAMARA MUNICIPAL DE GAIA



“Foi com um forte sentido de compromisso que o município de Vila Nova de Gaia aderiu à rede das Fast Track Cities. Vila Nova de Gaia é a maior cidade da área metropolitana do Porto e, à semelhança de todas as grandes cidades, enfrenta problemas e desafios, como o au-



mento da população, a integração das comunidades migrantes, o acesso à habitação e a cuidados de saúde de qualidade. Isto exige um grande investimento financeiro, mas também uma grande dedicação por parte de todos os parceiros do município para construir uma sociedade mais justa e inclusiva. O papel dos municípios na área da saúde é cada vez maior. O resultado da transferência de competências, mas também enquanto opção de gestão. Nesse sentido, temos vindo a trabalhar, entre outras áreas da saúde, no combate ao VIH. Mas perspectivamos que este nosso compromisso possa acabar com as novas infeções, evitar mortes, mas também contribuir para acabar com o estigma e a discriminação. É fundamental que cada habitante de Vila Nova de Gaia tenha acesso à prevenção, a serviços de apoio, cuidado e tratamento para o VIH e tuberculose. Neste sentido, iniciámos há pouco mais de um ano o caminho na construção de um plano de ação que conta com parceiros de âmbito nacional e local e que nos permitirá, a breve prazo, fazer um diagnóstico da realidade do concelho para, posteriormente, organizar uma resposta para lidar com os fatores que tornam as pessoas vulneráveis ao VIH, bem como lutar pela sua erradicação. Para além deste trabalho de organização, ao longo do último ano e no âmbito de uma parceria estabelecida, temos fomentado, através de uma unidade móvel, a realização de testes rápidos ao VIH, Sífilis, Hepatite B e C. Bem como temos colaborado com campanhas nacionais de sensibilização e informação. Temos consciência do longo e árduo caminho a percorrer, mas estamos convictos que, com a alocação de recursos do município, do forte envolvimento dos parceiros locais e nacionais, será possível construir uma resposta eficaz e cumprir as metas a que nos propusemos. Se o conseguirmos, temos a certeza que estamos a construir uma cidade mais equitativa, inclusiva, próspera e sustentável.”

## RITA SÁ MACHADO, DIRETORA-GERAL DA SAÚDE



“40 anos desde a identificação do primeiro caso de VIH em Portugal. Notificados mais de 66 mil casos de infeção, dos quais aproximadamente 23 mil atingiram o estadió de SIDA. Registaram-se mais de 15 mil óbitos. Hoje, em 2024, a Direção-Geral da Saúde concentra-se no que já alcançámos e no futuro. A transmissão vertical é praticamente inexistente. Em 2022, atingimos a primeira meta de diagnosticar 95% das pessoas com VIH e estaremos também perto de alcançar a meta de 95% de pessoas diagnosticadas em tratamento, e destas, 95% com carga viral suprimida. Estamos conscientes que a estratégia de saúde pública atual se concentra em três grandes desafios: O envelhecimento da população que vive com a infeção, os movimentos migratórios e as emergências em saúde pública. A determinação que nos trouxe até aqui irá continuar a pautar o nosso caminho. Não há tempo para esperar.”

## GRAÇA FREITAS, DIRETORA GERAL DA SAÚDE (2018-2022)



“Estamos a comemorar os 40 anos do primeiro diagnóstico de VIH em Portugal. E a Direção-Geral esteve sempre na linha da frente do apoio a todo o combate relacionado com o HIV e com a SIDA. Lutamos em várias frentes. A luta na área da ciência, da medicação, da prevenção, dos testes, do tratamento, do diagnóstico, mas também a luta contra o estigma. Nenhum cidadão deve ter qualquer constrangimento em procurar ajuda, em procurar saber o seu estado serológico. E, se esse estado serológico for positivo, obviamente entrar num plano de acompanhamento e de tratamento. E também nenhum cidadão deve ter qualquer constrangimento, considerando-se de um grupo de risco, em pedir acesso à PrEP. A PrEP é um direito que as pessoas têm para não adoecer. E é um investimento em saúde. Portanto, é um orgulho, é um privilégio e sinto-me muito grata à vida, à minha, por ter feito parte deste grande projeto que é o combate a uma doença que já foi grave, que agora tem perspectivas muito positivas e o combate ao estigma, com participação de todos e de todas, para todos e para todas.”

